



Monitor de Feminicídios no Brasil

Boletim Novembro 2023



Boletim Novembro 2023

Universidade Estadual de Londrina
Centro de Letras e Ciências Humanas
Departamento de Ciências Sociais
Programa de Pós-Graduação em Sociologia
Laboratório de Estudos de Femicídios

Elaboração

Silvana Mariano
Denise M. Vieira Dias

Colaboração

Raul Santos do Nascimento
Ana Beatriz Martins de Oliveira

Londrina, 16 de novembro de 2023.

Apoio



SUMÁRIO

- 04 Apresentação
- 05 Em memória das vítimas, em defesa das vivas.
- 06 Femicídio em dados
- 09 Distribuição por UF
- 14 Femicídios em outubro
- 18 Quem são as vítimas do femicídio? Existe um perfil?
- 23 Filhas e filhos das mulheres vitimadas pelo femicídio
- 25 Crianças e Adolescentes presenciam femicídios
- 26 Quem são os agressores e suspeitos?
- 31 Femicídio íntimo não é o único tipo existente
- 33 Arma branca segue sendo o instrumento mais utilizado
- 35 A violência sexual
- 37 O perigo dentro de casa
- 38 Considerações Finais

Apresentação

O Laboratório de Estudos de Femicídio (LESFEM) traz a público o Boletim de Novembro, com atualizações do Monitor de Femicídios no Brasil (MFB). A violência contra mulheres, no Brasil é notável e traz consequências dolorosas para quem a sofre e para quem está ao seu redor. O feminicídio é a consequência máxima de uma sociedade patriarcal, misógina e violenta.

Até 31 de outubro de 2023, registramos 1.979 casos de feminicídio, sendo 1.309 consumados e 670 tentados. No período, em média, 6.5 mulheres foram vítimas de feminicídio por dia. Não são números e estatísticas; são mulheres que têm suas histórias interrompidas diariamente.

Para fazer o monitoramento dos casos de feminicídio, o MFB utiliza notícias veiculadas pela imprensa escrita, fazendo a codificação minuciosa das reportagens e registrando-as a partir das informações divulgadas.

Para esta edição, registramos 384 casos desde a última atualização no Boletim de Outubro, sendo 244 deles ocorridos no mês de outubro. Os números são alarmantes e demonstram a urgência da elaboração de políticas públicas para o enfrentamento da violência contra meninas e mulheres e do feminicídio.

Em memória das vítimas, em defesa das vivas.

Equipe LESFEM
16 de novembro de 2023.

Em memória das vítimas, em defesa das vivas.

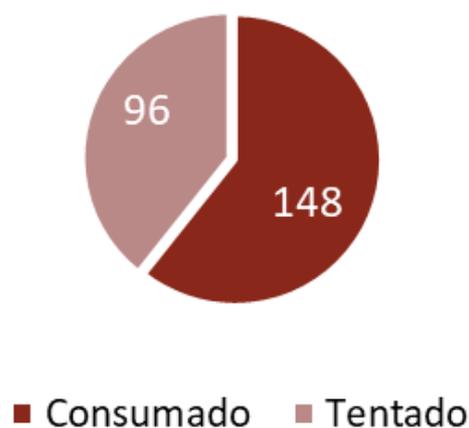
O mês de outubro revelou uma realidade alarmante e recorrente no Brasil: **244 casos de feminicídio**, dos quais 148 resultaram em mortes trágicas e 96 foram tentativas. A seguir, uma nuvem de palavras traz os nomes destas mulheres, cada uma com uma história, sonhos e uma vida interrompida ou irreversivelmente alterada pela violência feminicida. **Elas não são meras estatísticas**; eram vidas vibrantes, agora silenciadas por um ato de violência inaceitável.



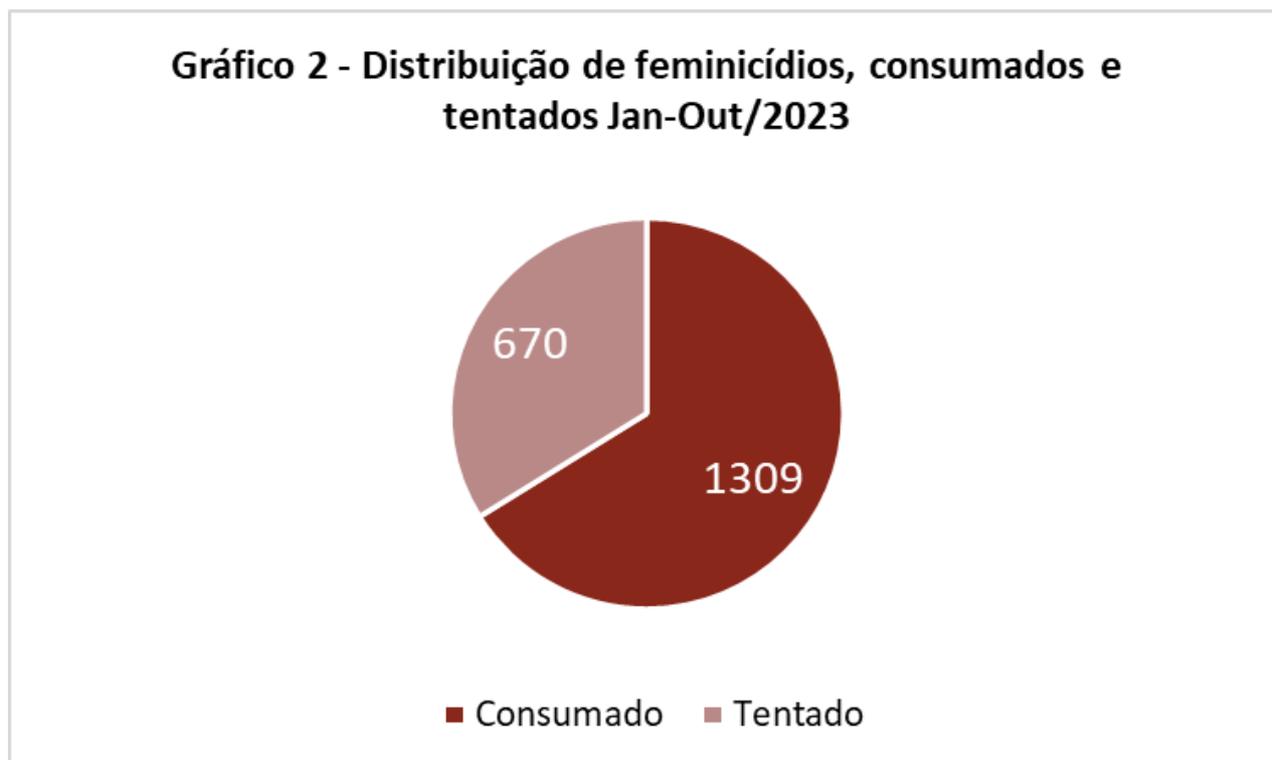
Feminicídio em dados

O **Gráfico 1** ilustra a distribuição dos casos de feminicídio detectados em todo o Brasil pelo MFB durante o mês de outubro, revelando 148 feminicídios consumados e 96 casos em que, felizmente, as vítimas sobreviveram até o registro das ocorrências. O mês totalizou 244 casos.

Gráfico 1 - Distribuição de feminicídios, consumados e tentados - Out/2023



O **Gráfico 2** oferece uma visão da distribuição dos feminicídios no Brasil, abrangendo o período de 01 de janeiro a 31 de outubro de 2023. Neste período, foram registrados alarmantes 1.979 casos: 1.309 deles, ou cerca de 66%, foram feminicídios consumados, enquanto os 670 restantes, correspondendo a aproximadamente 34%, foram tentativas de feminicídio.



Nos registros do MFB, os feminicídios tentados são detectados em proporção muito inferior à quantidade desses acontecimentos. Considerando-se dados disponíveis do sistema de Justiça, estima-se que dois terços dos casos são de tentativas de feminicídios. No MFB, essa proporção é de aproximadamente 34%. Isso ocorre porque nossa fonte, a imprensa escrita, muitas vezes não noticia esses fatos e, outras vezes, noticia com expressões que ainda não detectamos. O aperfeiçoamento constante do método sistemático de busca para ampliar a detecção de feminicídios tentados é nosso desafio.

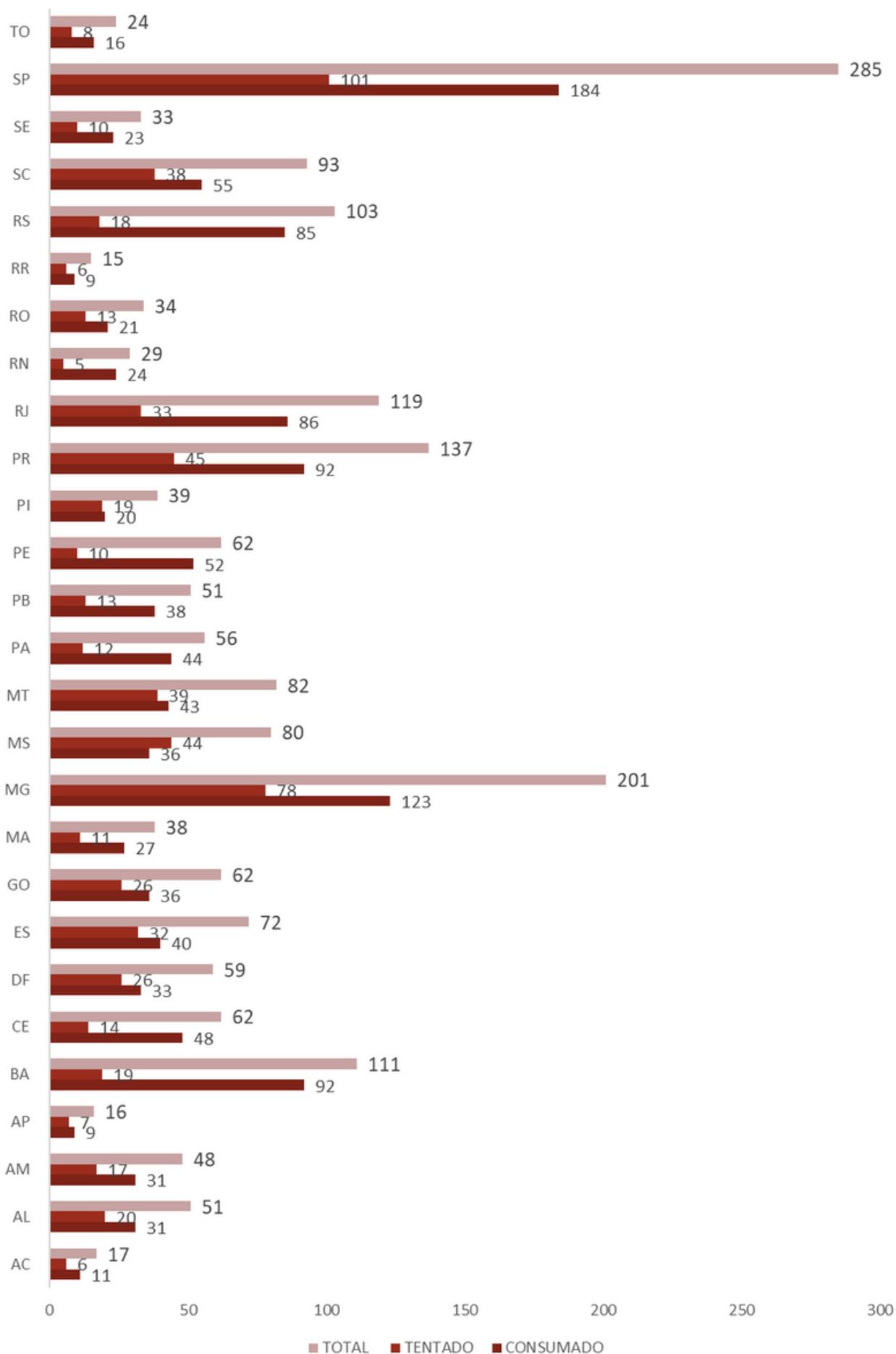
Distribuição por UF

Ao longo de 2023, um cenário preocupante se desdobrou em todo o Brasil, com todos os estados e o Distrito Federal registrando casos de feminicídio. O **Gráfico 3** apresenta a distribuição por unidade federativa, discriminando a quantidade de feminicídios consumados em comparação com os casos tentados. Esta distribuição geográfica revela a ubiquidade e a gravidade do feminicídio no país.

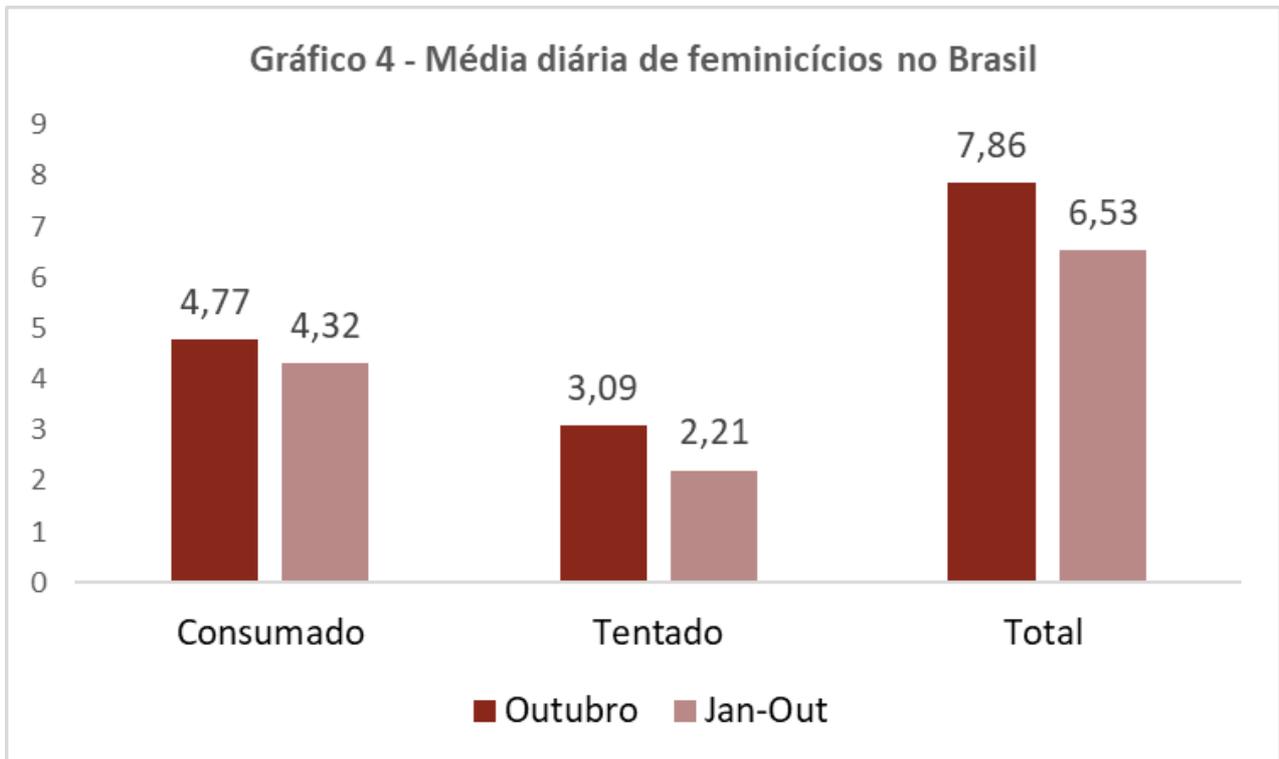
Os 10 estados com maiores números absolutos de feminicídios, somados consumados e tentados, são, respectivamente: 1) São Paulo, 2) Minas Gerais, 3) Paraná, 4) Rio de Janeiro, 5) Bahia, 6) Rio Grande do Sul, 7) Santa Catarina, 8) Mato Grosso, 9) Mato Grosso do Sul e 10) Espírito Santo.

Os 1.979 feminicídios estão distribuídos por 965 municípios brasileiros.

Gráfico 3 - Distribuição de feminicídios, consumados e tentados, por UF - Jan-Out/23



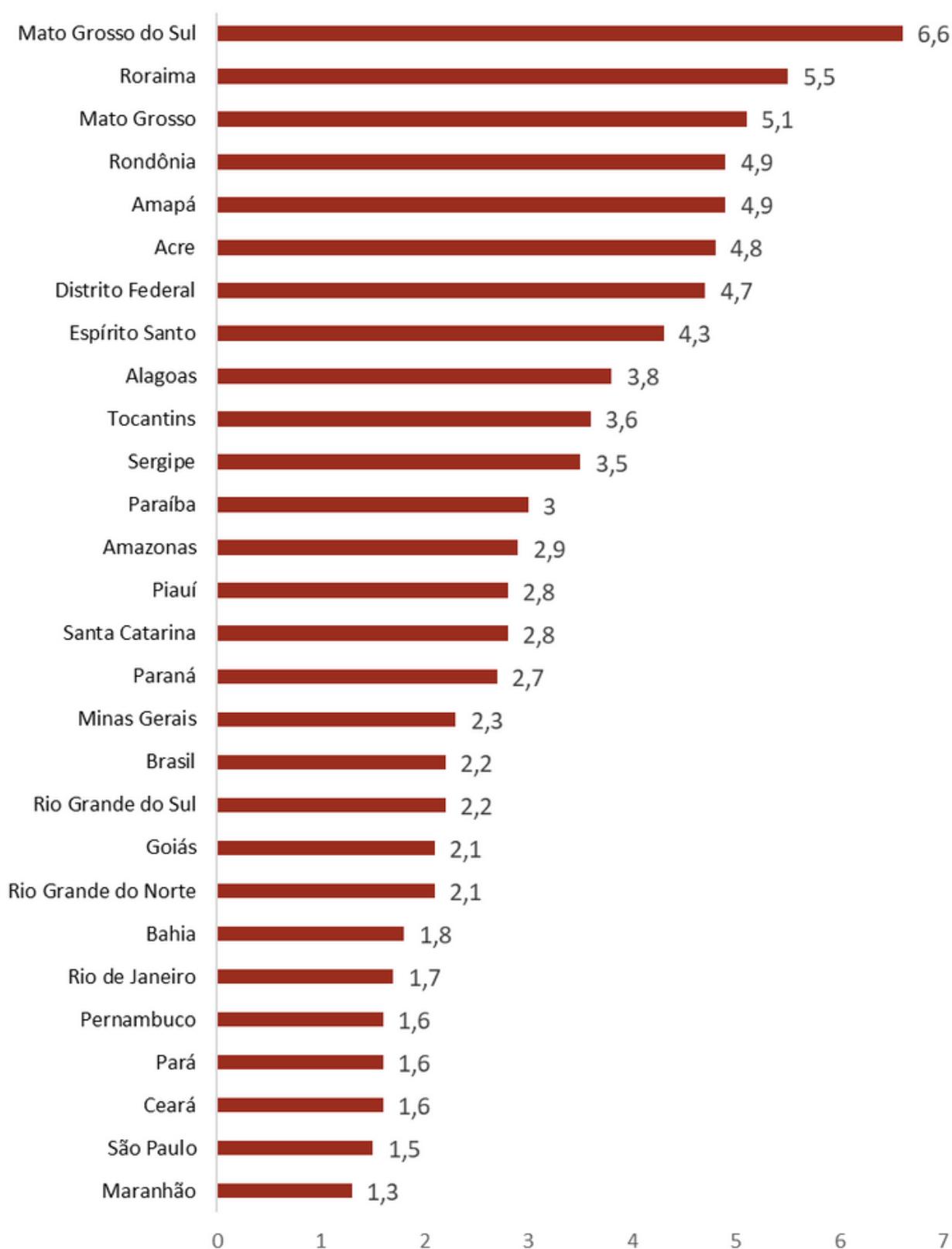
Até 31 de outubro deste ano, um total de 1.979 casos de feminicídio foram registrados no Brasil, resultando em médias diárias alarmantes: 4,77 feminicídios consumados em outubro, acima da média anual de 4,32; e 3,09 tentativas de feminicídio por dia em outubro, superando a média anual de 2,21. Esses dados são detalhados no **Gráfico 4**, a seguir.



Quando analisamos a taxa de feminicídios em relação à população feminina, calculada por cem mil mulheres, a taxa nacional alarmante é de 2,2 casos, abrangendo tanto feminicídios consumados quanto tentados. Entre os estados, os cinco com as taxas mais elevadas são: 1) Mato Grosso do Sul, 2) Roraima, 3) Mato Grosso, 4) Rondônia e 5) Amapá, ressaltando a necessidade urgente de medidas preventivas e de conscientização nesses locais. Os dados estão apresentados no **Gráfico 5**, a seguir.

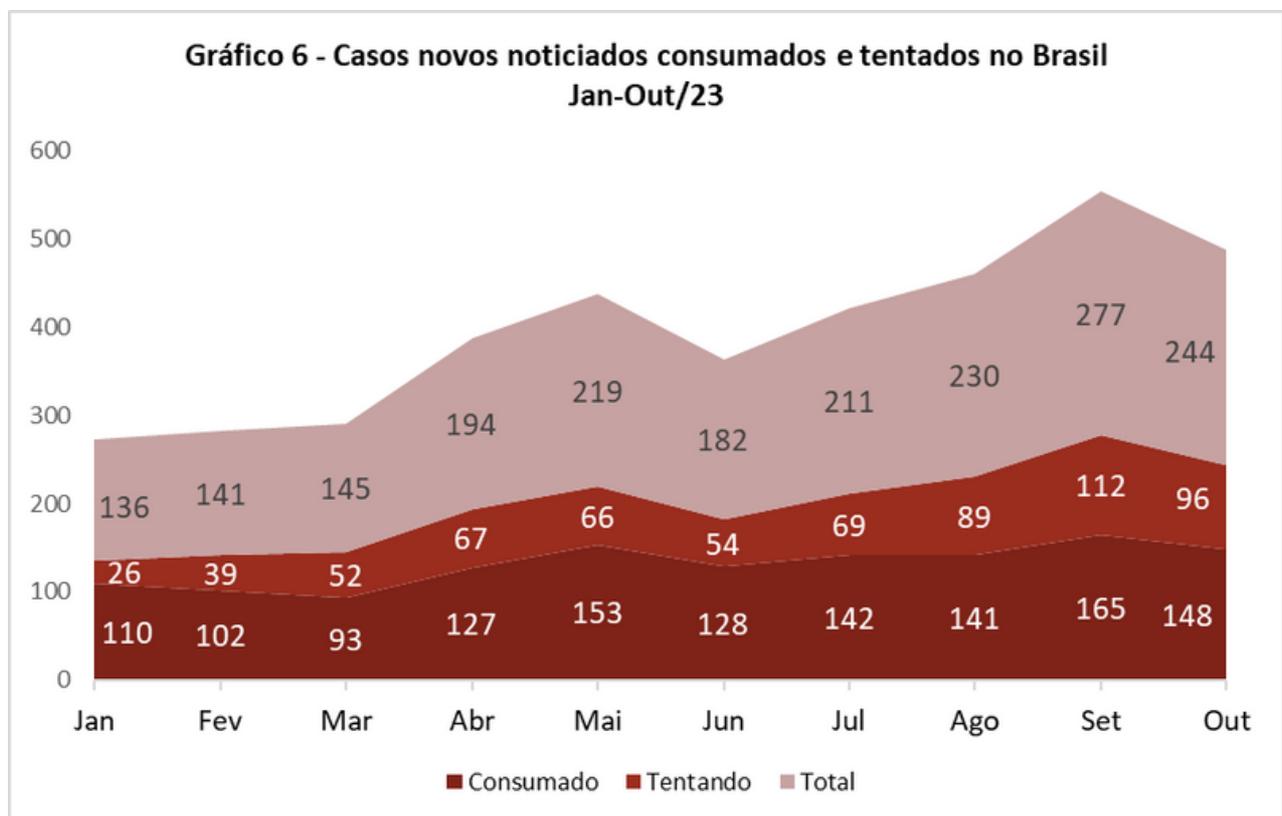
Os dados, sejam por números absolutos ou por taxa, destacam regiões críticas onde as políticas públicas de enfrentamento da violência de gênero devem ser intensificadas.

Gráfico 5 - Casos novos de feminicídio por cem mil mulheres por UF, Jan-Out/2023



O **Gráfico 6** apresenta a distribuição mensal dos casos de feminicídios, consumados e tentados, no período de janeiro a outubro de 2023. Setembro foi alarmantemente o mês com a maior incidência de feminicídios, enquanto janeiro registrou a menor quantidade desses crimes. A média mensal de feminicídios, entre janeiro e outubro, foi de 197,9 casos.

Essas variações mensais são cruciais para compreender as tendências e planejar intervenções eficazes no enfrentamento ao feminicídio, contudo, análises mais precisas dependem, ainda, da disponibilidade, no futuro, de séries históricas produzidas com essa mesma metodologia.



Feminicídios em Outubro

O **Gráfico 7** apresenta a distribuição dos feminicídios, do mês de outubro e do ano, por dias da semana. Essa distribuição é útil para a compreensão da dinâmica dos crimes de feminicídios, em seu contexto. Domingo segue sendo o dia de maior risco para as mulheres.

A maior incidência de feminicídios aos domingos no Brasil pode ser atribuída a diversos fatores socioculturais e comportamentais, como, por exemplo:

1. Convivência Familiar Intensificada: Domingos geralmente são dias de maior convivência familiar, devido ao fato de ser um dia de descanso para a maioria das pessoas. Isso pode aumentar a exposição das mulheres a parceiros abusivos ou ambientes familiares violentos.

2. Consumo de Álcool e Substâncias: Fins de semana, especialmente domingos, podem envolver maior consumo de álcool e outras substâncias, o que pode exacerbar comportamentos violentos em indivíduos já propensos à violência.

3. Estresse e Tensões Acumuladas: O domingo pode refletir o acúmulo de tensões e estresses da semana, levando a um ponto de ruptura em relações já conturbadas, onde o agressor pode agir de forma mais violenta.

4. Menor Disponibilidade de Serviços de Apoio: Durante os fins de semana, há menor disponibilidade de serviços de emergência e apoio, como delegacias especializadas e centros de acolhimento, o que dificulta a busca de ajuda imediata pelas vítimas.

5. Aspectos Culturais: Aspectos culturais, como a perpetuação de estereótipos de gênero e a normalização da violência doméstica em algumas comunidades, podem contribuir para a escalada de violência nos finais de semana.

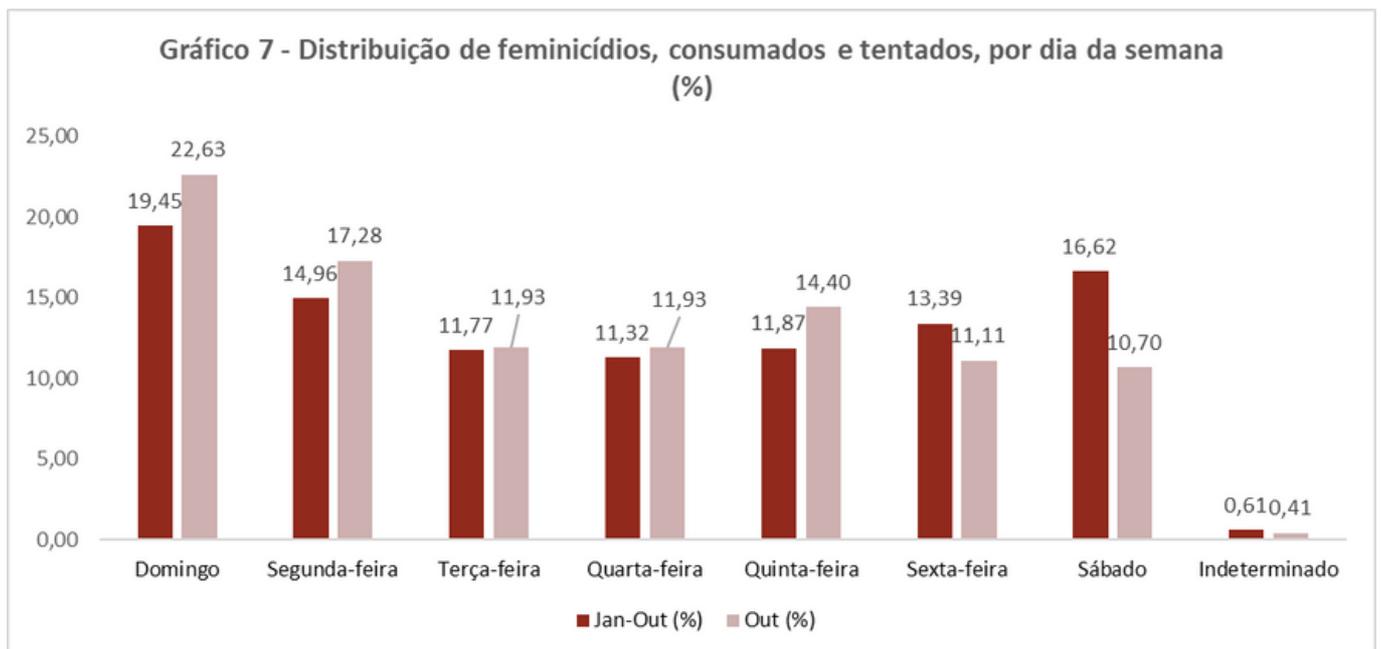
É importante destacar que a dinâmica dos feminicídios é complexa e multifatorial, envolvendo aspectos individuais, relacionais, comunitários e sociais. Por exemplo, o consumo de álcool e outras substâncias, embora seja constitutivo dessa dinâmica em muitos contextos, não é o que explica a violência feminicida, pois ela requer um conjunto de relações em que as mulheres são dominadas ou menosprezadas.

De acordo com o **Gráfico 7**, os dados revelam esse padrão preocupante: aos domingos ocorreram 22,63% dos feminicídios em outubro e 19,45% do total de casos no período de 1º de janeiro a 31 de outubro de 2023. Em contraste, terça-feira e quarta-feira foram os dias com as menores incidências de feminicídios, indicando grande variação ao longo da semana. Esta distribuição semanal fornece insights valiosos para a formulação de estratégias de prevenção e intervenção mais eficazes.

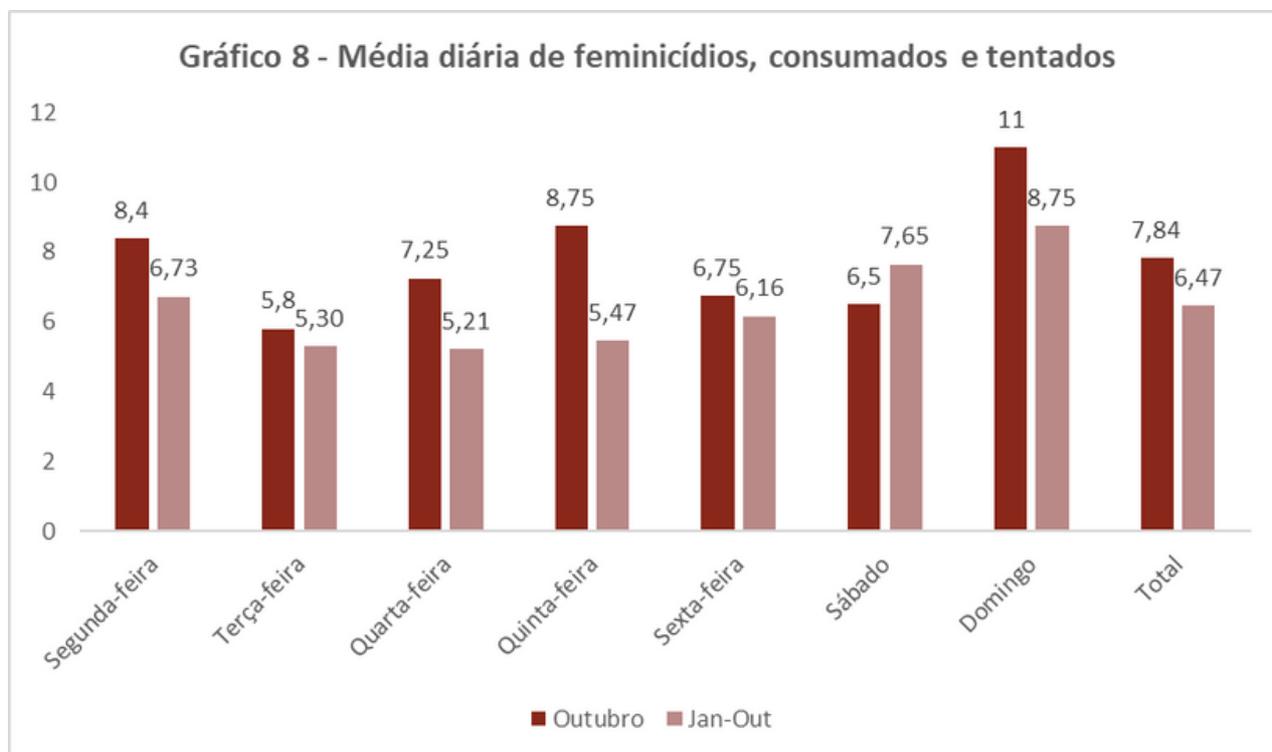
A identificação do domingo como um dia de maior risco para as mulheres realça a necessidade de políticas públicas e iniciativas comunitárias focadas em prevenção, educação e apoio adequado às vítimas nesses períodos.

De acordo com o **Gráfico 7**, os dados revelam esse padrão preocupante: aos **domingos ocorreram 22,63% dos feminicídios em outubro** e 19,45% do total de casos no período de 1º de janeiro a 31 de outubro de 2023. Em contraste, terça-feira e quarta-feira foram os dias com as menores incidências de feminicídios, indicando grande variação ao longo da semana. Esta distribuição semanal fornece insights valiosos para a formulação de estratégias de prevenção e intervenção mais eficazes.

A identificação do domingo como um dia de maior risco para as mulheres realça a necessidade de políticas públicas e iniciativas comunitárias focadas em prevenção, educação e apoio adequado às vítimas nesses períodos.



O **Gráfico 8**, focado na análise das médias diárias, revela dados alarmantes para o mês de outubro e para o acumulado do ano, de janeiro a outubro. Em outubro, conforme padrão já identificado nos dados anteriores, o domingo emergiu como o dia mais crítico, com uma média de 11 casos de feminicídios, consumados e tentados, superando significativamente os outros dias da semana, como a quinta-feira, que teve uma média de 8,75 casos. Observando o período de janeiro a outubro, **os domingos mantiveram uma média elevada de 8,75 casos diários**, seguidos pelos sábados com 7,65. Esses números indicam que, em outubro, os domingos foram ainda mais perigosos para as mulheres.



Quem são as vítimas do feminicídio? Existe um perfil?

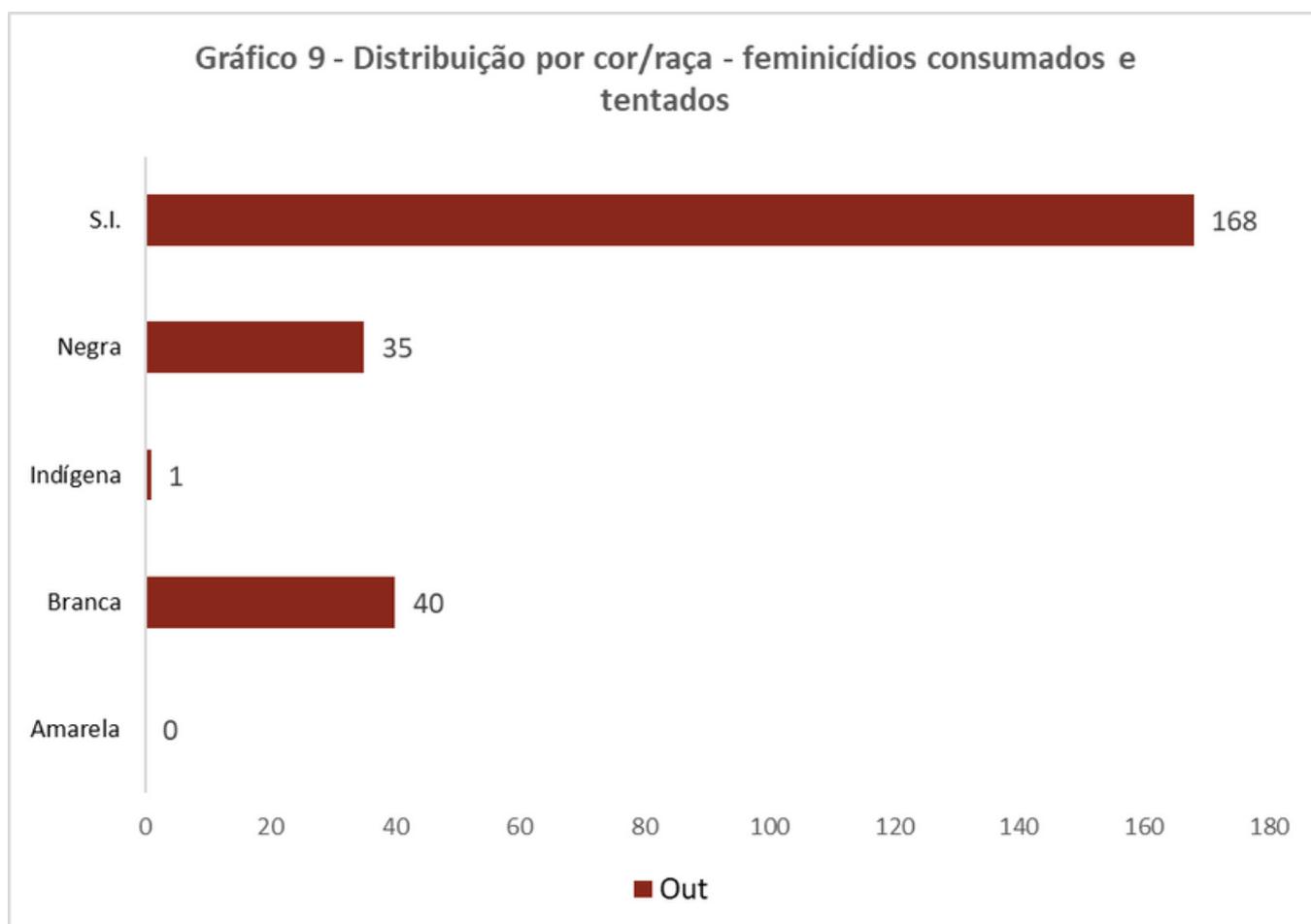
O conceito de um "perfil" para vítimas de feminicídio é uma noção complexa e questionável. **Em essência, o feminicídio não discrimina com base em características específicas, afetando mulheres de variados contextos sociais, econômicos, culturais e etários.** Essa realidade destaca um aspecto crucial: todas as mulheres, independentemente de sua condição ou identidade, podem ser vítimas de violência de gênero.

Entretanto, é importante reconhecer que alguns grupos de mulheres podem estar mais vulneráveis a tais atos de violência. Fatores como **desigualdades socioeconômicas, discriminação racial ou étnica, idade, orientação sexual,** e outras interseccionalidades podem aumentar os riscos de serem vítimas de feminicídio. Por exemplo, mulheres em situações de pobreza, que enfrentam maiores dificuldades no acesso a recursos e apoio, ou mulheres que pertencem a minorias étnicas ou raciais, frequentemente sujeitas a formas adicionais de discriminação e violência, podem encontrar-se em maior risco.

Compreender essas nuances é crucial para formular respostas mais eficazes e políticas públicas mais adequadas. Ao reconhecer que, embora o feminicídio possa afetar qualquer mulher, certos grupos podem estar em maior risco, é possível desenvolver estratégias de prevenção e intervenção mais direcionadas e eficientes. Isso inclui não apenas medidas de proteção e apoio às vítimas, mas também a promoção de mudanças sociais mais amplas, combatendo as raízes culturais e estruturais da violência de gênero e do racismo.

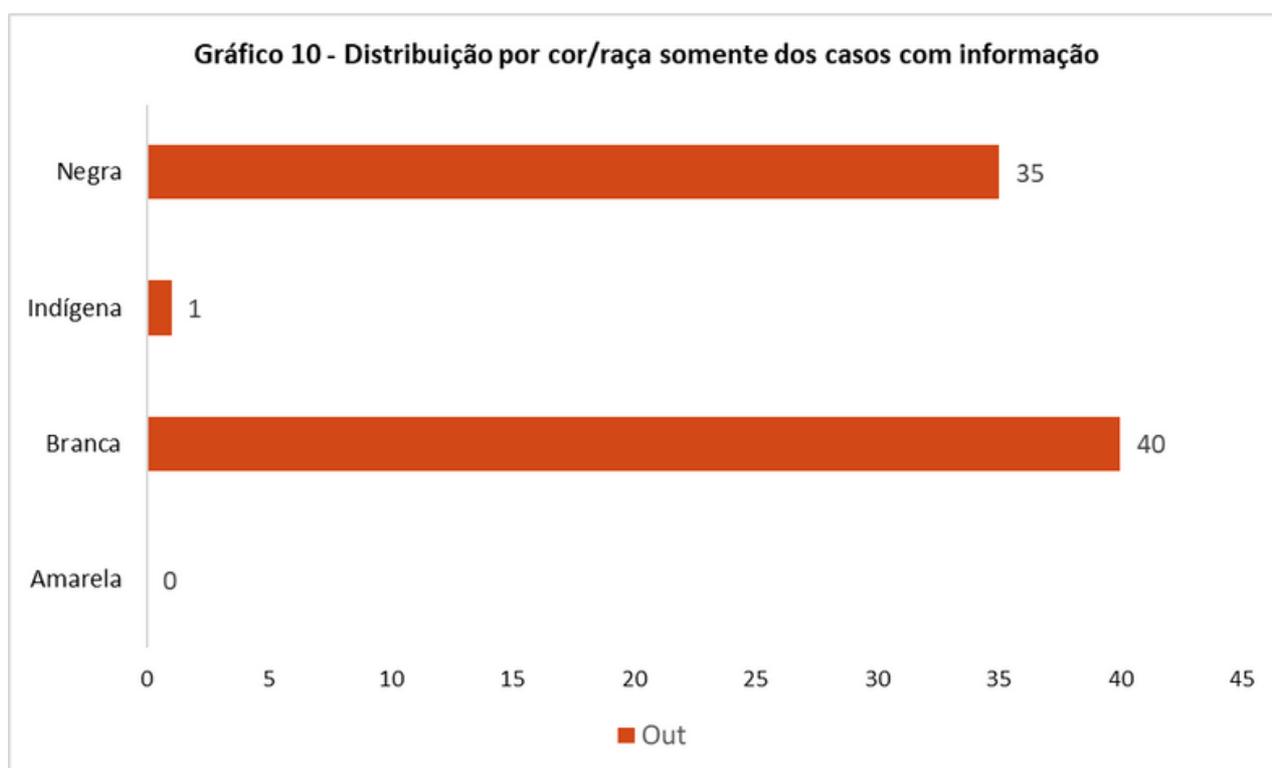
O **Gráfico 9** evidencia uma lacuna significativa em nossos registros: a ausência da classificação de cor/raça das vítimas em muitos casos de feminicídio. Em nossa metodologia, essa classificação é realizada apenas quando há acesso a notícias com imagens das vítimas que permitem tal identificação. No entanto, essa informação muitas vezes não é disponibilizada nas notícias, resultando em uma grande parcela de casos sem essa classificação.

Especificamente, **aproximadamente 60% dos casos acumulados ao longo do ano e 68% dos casos de outubro não possuem dados sobre a cor/raça das vítimas.** Este fato não só destaca um desafio na coleta de dados, mas também sublinha a necessidade de uma reportagem mais abrangente e detalhada, que é fundamental para entender as dimensões e as características do feminicídio no Brasil.



O **Gráfico 10** foca especificamente nos casos de feminicídio para os quais foi possível realizar a classificação de cor ou raça das vítimas, tendo em vista o elevado volume de casos sem essa informação, como destacado anteriormente. É importante salientar que, entre esses dados, **os feminicídios envolvendo mulheres indígenas apresentam uma camada adicional de invisibilidade**. Os desafios enfrentados para a reportagem desses casos pela imprensa são consideráveis, contribuindo para a sub-representação dessas vítimas nas estatísticas.

Os dados coletados indicam uma distribuição quase igualitária nas vítimas de feminicídio quanto à cor ou raça, com 49,36% dos casos envolvendo mulheres brancas e 48,33% mulheres negras. Esta proporção apresenta discrepância em relação às estatísticas fornecidas por fontes da segurança pública. Tal divergência sugere a possibilidade de um viés na cobertura da imprensa, tanto na escolha dos casos de feminicídio a serem reportados quanto na contextualização fornecida sobre as vítimas. Este possível viés pode distorcer a compreensão pública do problema, evidenciando a importância de uma reportagem mais equitativa e representativa.



Os **Gráficos 11 e 12** oferecem uma visão detalhada da distribuição etária das vítimas de feminicídios, tanto as fatais quanto as sobreviventes, para o mês de outubro e para o período acumulado do ano, respectivamente.

Em outubro, observou-se a mesma tendência que prevaleceu ao longo do ano, com mulheres entre 25 e 36 anos sendo as mais afetadas. No entanto, é crucial reconhecer que o feminicídio atinge meninas e mulheres em todas as faixas etárias.

De forma impactante, ao longo do ano, a vítima mais jovem foi uma menina de apenas 27 dias e a mais idosa, uma mulher de 84 anos.

Estes dados ressaltam a universalidade do risco do feminicídio, atravessando todas as barreiras etárias, e sublinham a necessidade de políticas de proteção abrangentes e conscientização contínua para mulheres de todas as idades, rompendo com a tendência do adultocentrismo nas políticas dirigidas às mulheres.

Gráfico 11 - Distribuição por idade - feminicídios consumados e tentadosm- Out

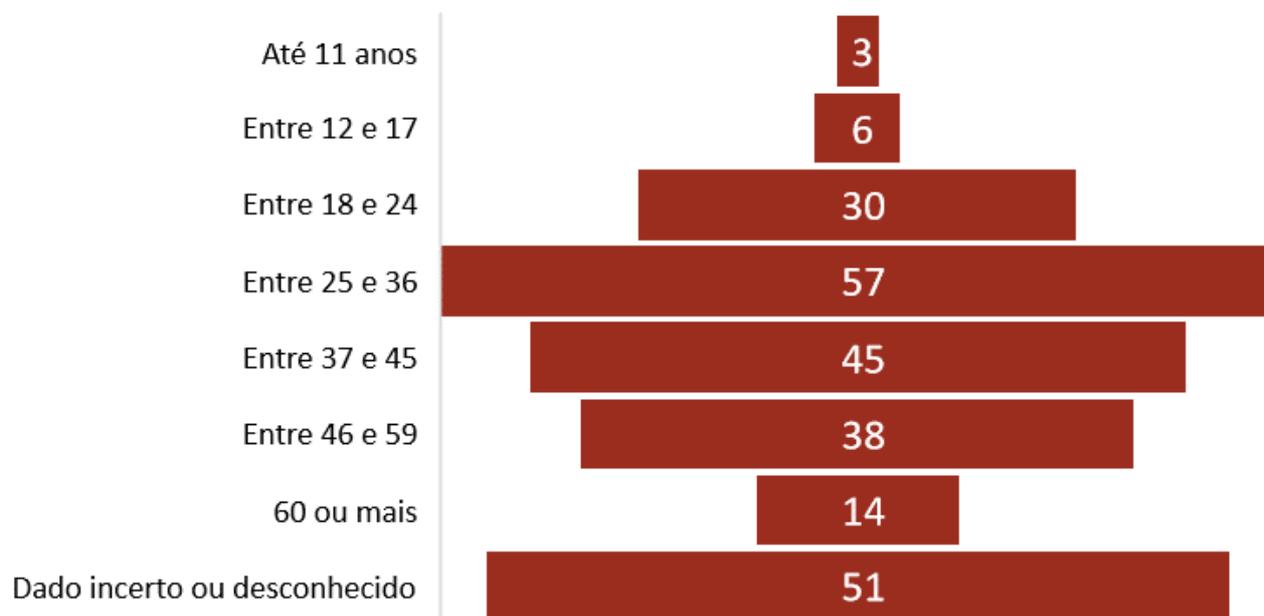
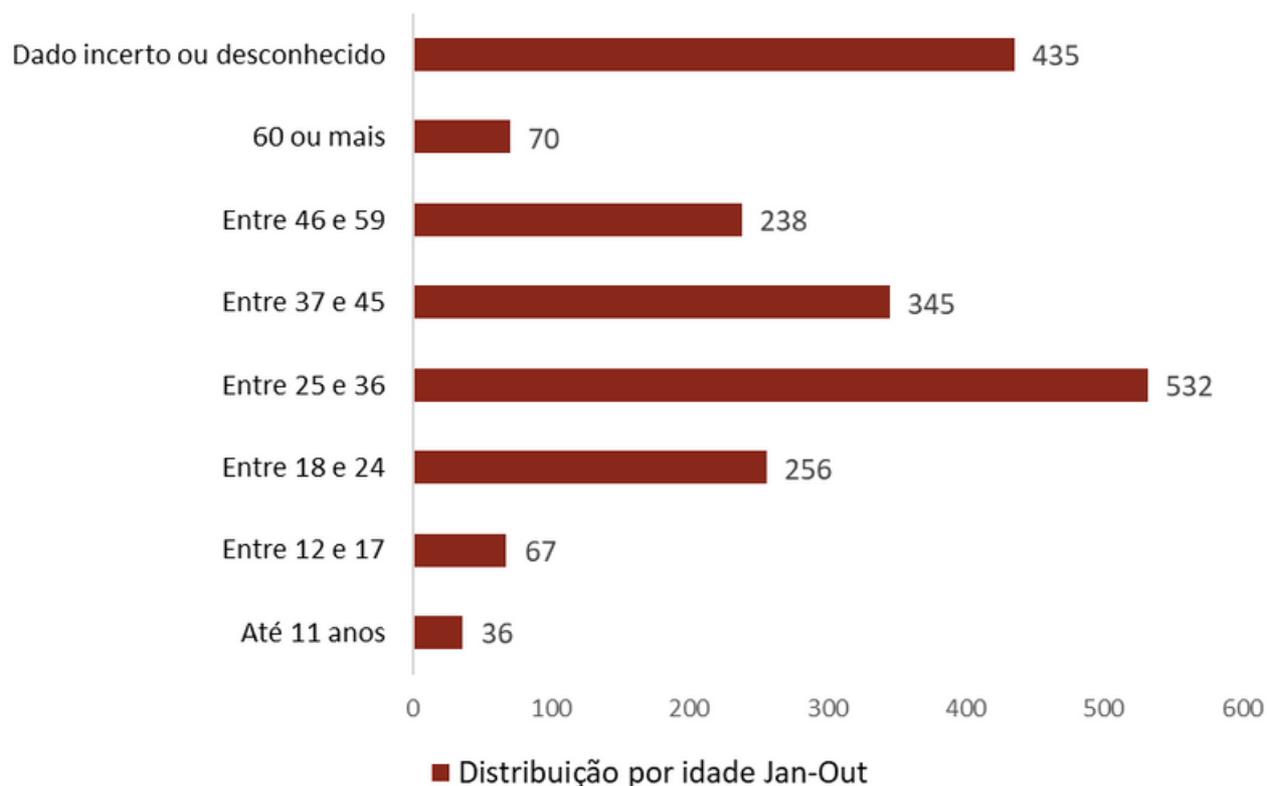


Gráfico 12 - Distribuição por idade - feminicídios consumados e tentados



Filhas e filhos das mulheres vitimadas pelo feminicídio

No mês de outubro, observamos que 14,75% dos casos de feminicídio detectados, correspondendo a 36 dos 244 casos registrados, envolveram mulheres com filhos dependentes. Estas mulheres eram mães de 56 crianças, resultando em uma média de 1,55 filhos por vítima, seja em casos consumados ou tentados.

Quando expandimos a análise para os dados acumulados do ano até 31 de outubro, encontramos 416 mulheres com filhos dependentes, o que representa 21,02% dos 1.979 casos documentados. Estas mães tinham, ao todo, 689 filhas ou filhos, apresentando a média de 1,65 filhos por vítima. Este dado, profundamente preocupante, ilumina uma dimensão muitas vezes esquecida do feminicídio: o impacto devastador sobre as crianças que perdem suas mães.

Isso evidencia não apenas a tragédia pessoal inerente a cada caso de feminicídio, mas também o imenso custo social que estes atos de violência geram, afetando gerações futuras e a sociedade como um todo.

**% de vítimas com filhas ou
filhos dependentes - Out**

14,75

**n° de filhas e filhos das
mulheres vitimadas - Out**

36 mulheres
56 filhas ou filhos

**% de vítimas com filhas ou
filhos dependentes - Jan-Out**

21,02

**n° de filhas e filhos das
mulheres vitimadas - Jan-Out**

416 mulheres
689 filhas ou filhos

Crianças e Adolescentes presenciam feminicídios

Os impactos devastadores do feminicídio estendem-se além das vítimas diretas, afetando profundamente as crianças que presenciam esses atos de violência. Em outubro, em 17,62% dos casos de feminicídio, a violência foi cometida na presença de filhas e filhos menores de idade. Este percentual é alarmante e reflete uma realidade perturbadora. Quando olhamos para o acumulado do ano, de janeiro a outubro, essa proporção é de 15,66%.

Estes dados não apenas evidenciam o trauma e o dano emocional infligido às crianças e adolescentes que testemunham tais atos, mas também apontam para a necessidade urgente de políticas públicas que abordem não só a proteção das mulheres, mas também a garantia da restituição dos direitos das vítimas indiretas, como as crianças.

Reconhecer e responder a essas dinâmicas traumáticas é fundamental para mitigar os efeitos de longo prazo do feminicídio em famílias e comunidades, assegurando um futuro mais seguro e saudável para as gerações futuras.

17,62% dos feminicídios de outubro aconteceram na presença de criança ou adolescente, filhas e filhos da vítima.

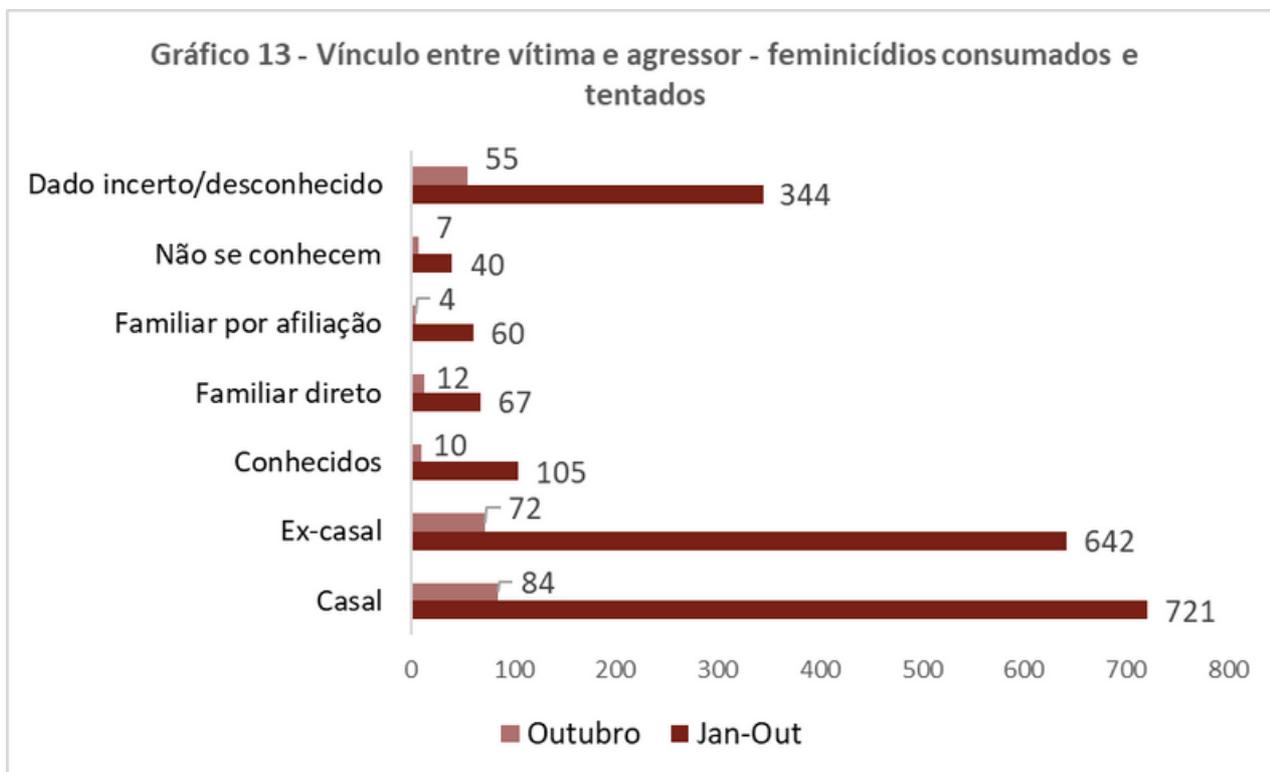
15,66% dos feminicídios de janeiro a outubro aconteceram na presença de criança ou adolescente, filhas e filhos da vítima.

Quem são os agressores e suspeitos?

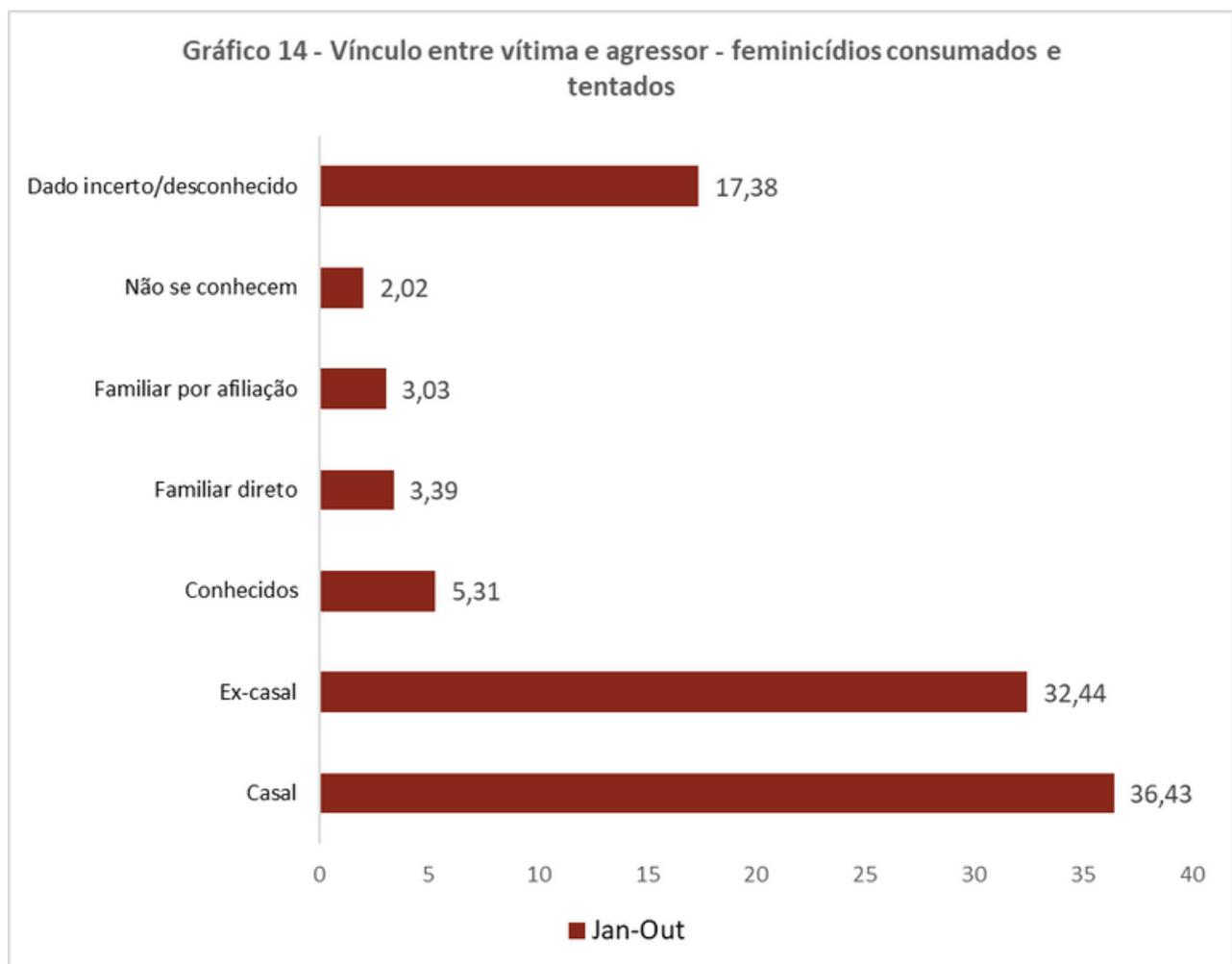
O **Gráfico 13** traz uma visão reveladora sobre o perfil dos agressores nos casos de feminicídio. Comum tanto em outubro quanto no acumulado do ano até 31 de outubro, observa-se que **as mulheres são frequentemente vitimadas por seus companheiros ou ex-companheiros**, com proporções similares entre esses dois grupos, refletindo uma característica central da violência de gênero e, mais especificamente, do feminicídio.

Embora haja uma ligeira prevalência de casos envolvendo casais atuais em comparação com ex-casais, o que ressalta é a diversidade de circunstâncias nas quais a violência de gênero ocorre, incluindo agressões perpetradas por outros familiares, pessoas conhecidas e desconhecidas.

Notavelmente, uma parcela significativa dos casos registrados não possui autoria identificada nas notícias. No entanto, seguindo nossa metodologia e as diretrizes nacionais e internacionais sobre o tema, uma morte violenta intencional de uma mulher, consumada ou tentada, é classificada como feminicídio com base no conjunto das circunstâncias que a envolvem, mesmo na ausência de identificação explícita do agressor. Essa abordagem ressalta a complexidade do feminicídio e a necessidade de uma compreensão mais abrangente para efetivar políticas públicas eficazes de prevenção e combate a essa forma extrema de violência contra as mulheres.

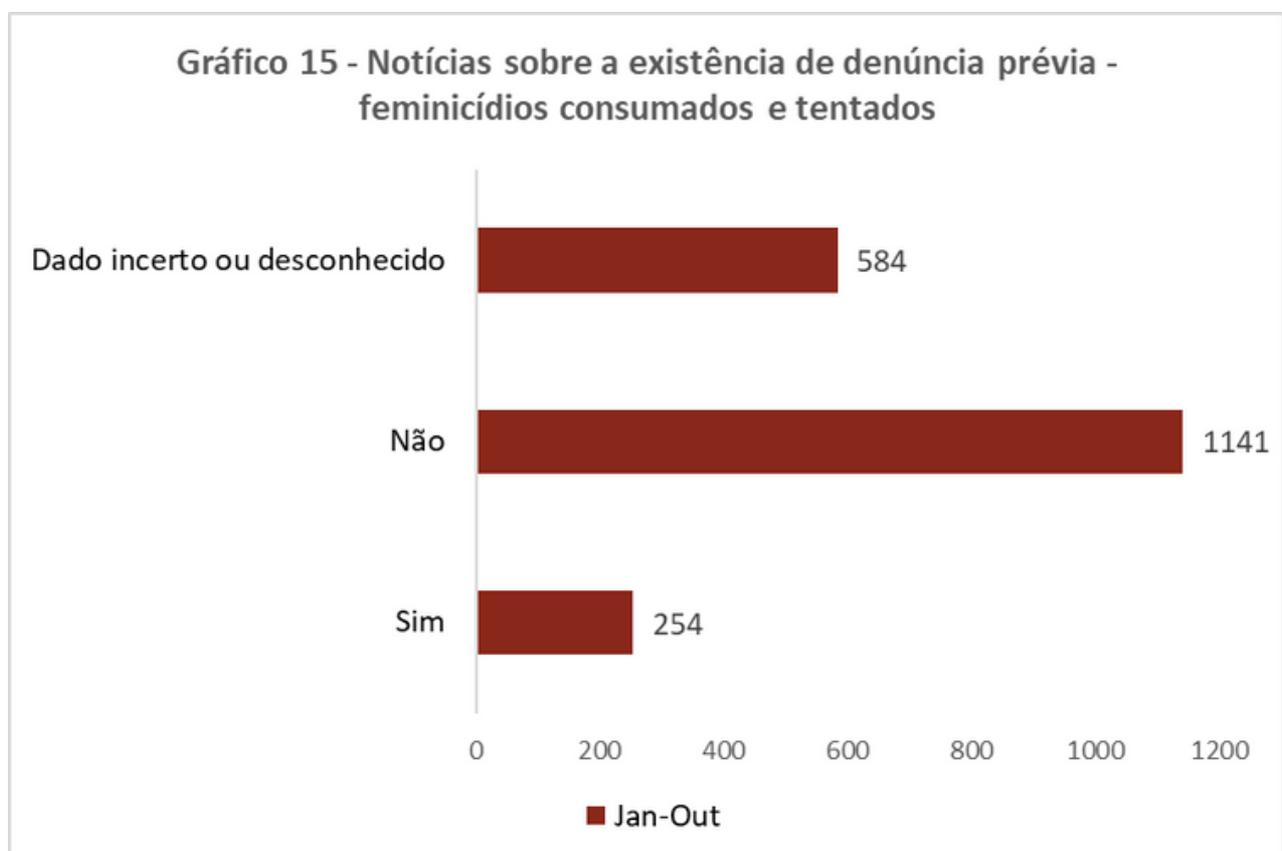


No **Gráfico 14**, apresentamos os dados de feminicídios em termos percentuais, tanto para o mês de outubro quanto para o período acumulado de janeiro a outubro. Uma análise cuidadosa revela que, em outubro, **houve um aumento notável nos registros em que a identidade do agressor era incerta ou desconhecida**. Paralelamente, observa-se uma diminuição nos casos envolvendo companheiros ou ex-companheiros.



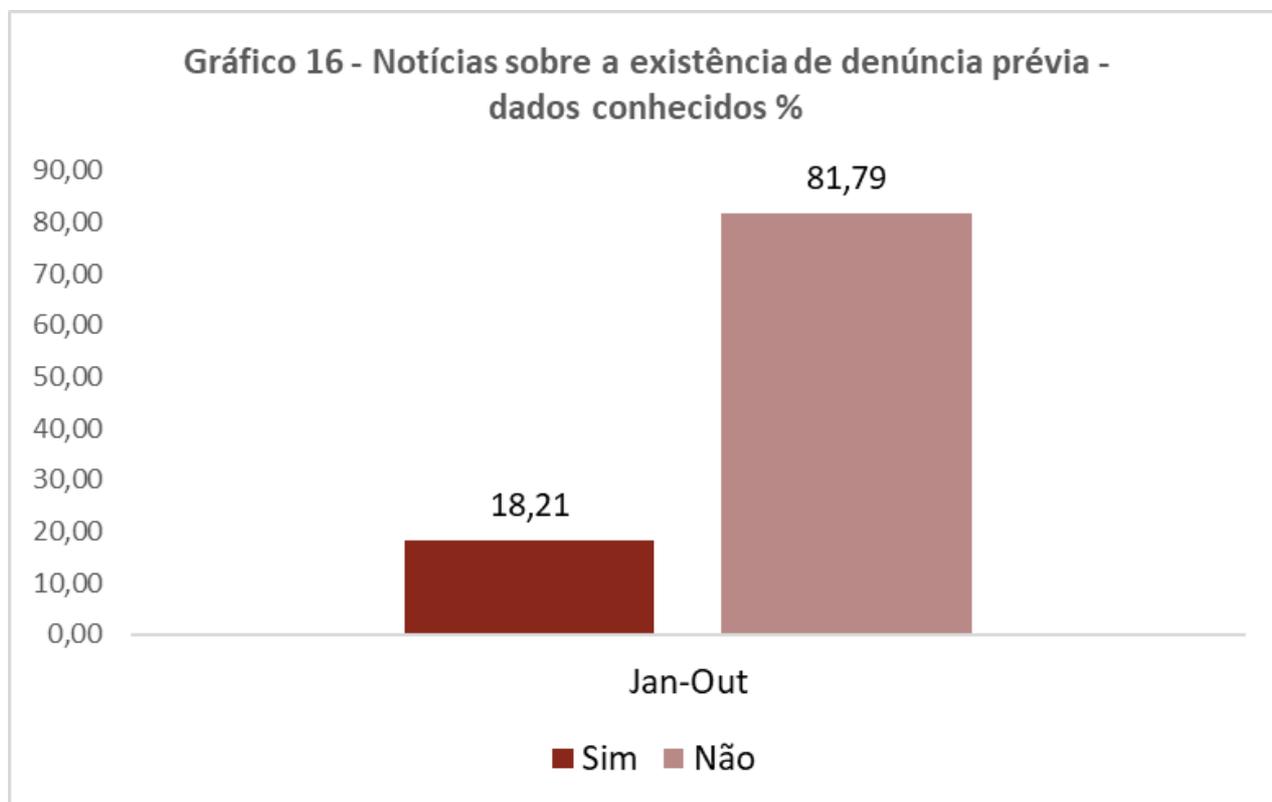
No **Gráfico 15**, destacamos uma tendência preocupante em relação aos feminicídios cometidos por companheiros ou ex-companheiros. Embora as notícias frequentemente relatem episódios anteriores de violência doméstica, constatamos que apenas uma minoria dos casos envolveu denúncias prévias feitas pelas vítimas contra seus agressores. Desde o início do ano, dentre os casos detectados, **apenas 254 reportaram uma denúncia anterior, o que corresponde a 12,83% do total.** Especificamente em outubro, este número foi de 22 casos, representando 9,01% das ocorrências do mês.

Esses dados ressaltam a importância crítica da denúncia como ferramenta de proteção para as mulheres. No entanto, eles também indicam a **necessidade de serviços de apoio mais acessíveis, acolhedores e bem estruturados**, que possam encorajar e facilitar a ação das vítimas em buscar ajuda e proteção antes que a violência escale para o feminicídio.



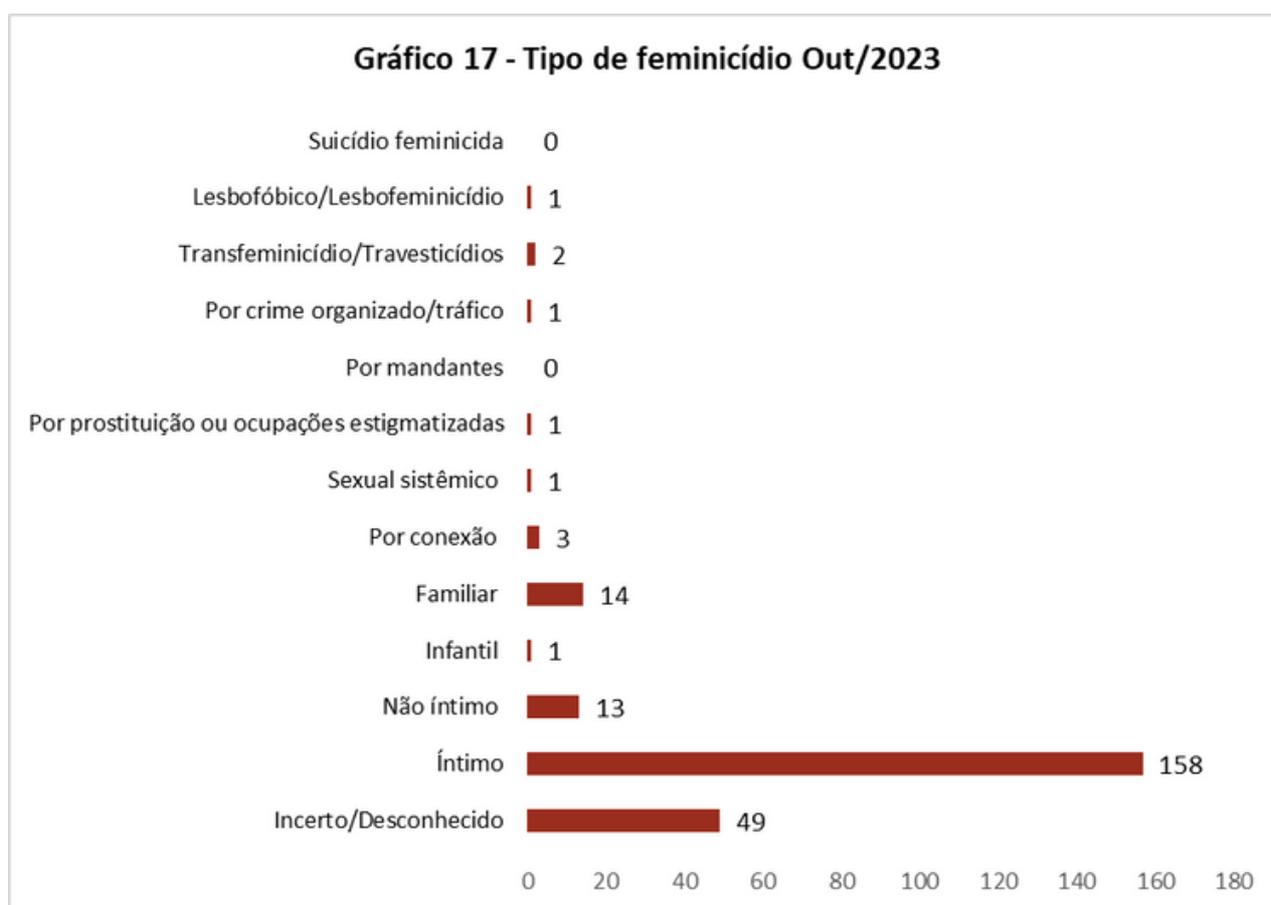
Ao analisarmos apenas os casos de feminicídio com informações detalhadas disponíveis, o **Gráfico 16** informa que **12,64% dos casos registrados envolveram denúncias prévias das vítimas contra seus agressores**, frente a 18,21% para o período acumulado de janeiro a outubro.

Este contraste entre os dados mensais e anuais sublinha a variação na incidência de denúncias prévias em casos de feminicídio. Essa análise pontua a necessidade de compreendermos melhor os fatores que influenciam a decisão das mulheres em denunciar, bem como a importância de fortalecer os mecanismos de apoio e proteção para as vítimas de violência doméstica



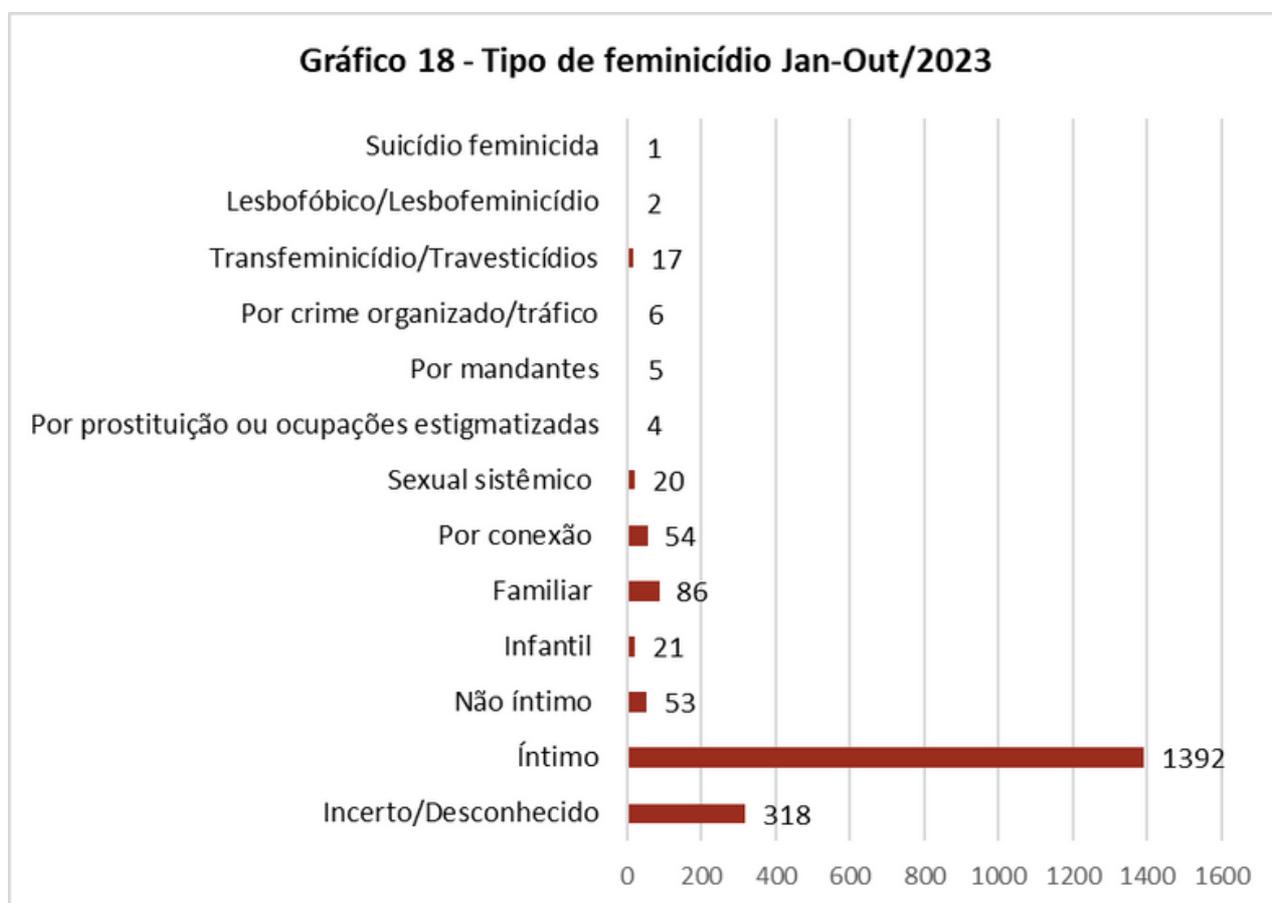
Feminicídio íntimo não é o único tipo existente

No mês de outubro, uma parcela significativa dos casos de feminicídio, especificamente **158 dos 244 registrados, ou 64,75%, foram classificados como feminicídios íntimos**. Esta predominância reitera as observações anteriores sobre a prevalência de parceiros íntimos como agressores nos casos de feminicídio. Embora haja uma menor incidência de outras formas de feminicídio, como o familiar, o não íntimo e outras categorias com menos registros, a predominância do feminicídio íntimo destaca a urgente necessidade de abordar a violência doméstica como um fator chave na prevenção e no enfrentamento ao feminicídio. Este dado sublinha a importância de estratégias eficazes para proteger as mulheres em suas relações mais próximas, onde o risco de violência letal, infelizmente, se mostra mais elevado.



O **Gráfico 18** ilustra a distribuição dos tipos de feminicídios no período acumulado de janeiro a outubro, reafirmando o padrão observado no mês de outubro. De forma ainda mais pronunciada, **70,33% dos casos registrados neste período foram classificados como feminicídios íntimos.**

O declínio observado no mês de outubro (64,75%), na proporção de feminicídios íntimos, comparado ao acumulado do ano, pode ser parcialmente atribuída à melhoria na eficiência dos termos de busca usados para detectar outros tipos de feminicídios. Esta variação enfatiza a importância de métodos de coleta e análise de dados contínuos e aprimorados, que permitam uma compreensão mais abrangente e precisa de todas as formas de feminicídio e suas dinâmicas.

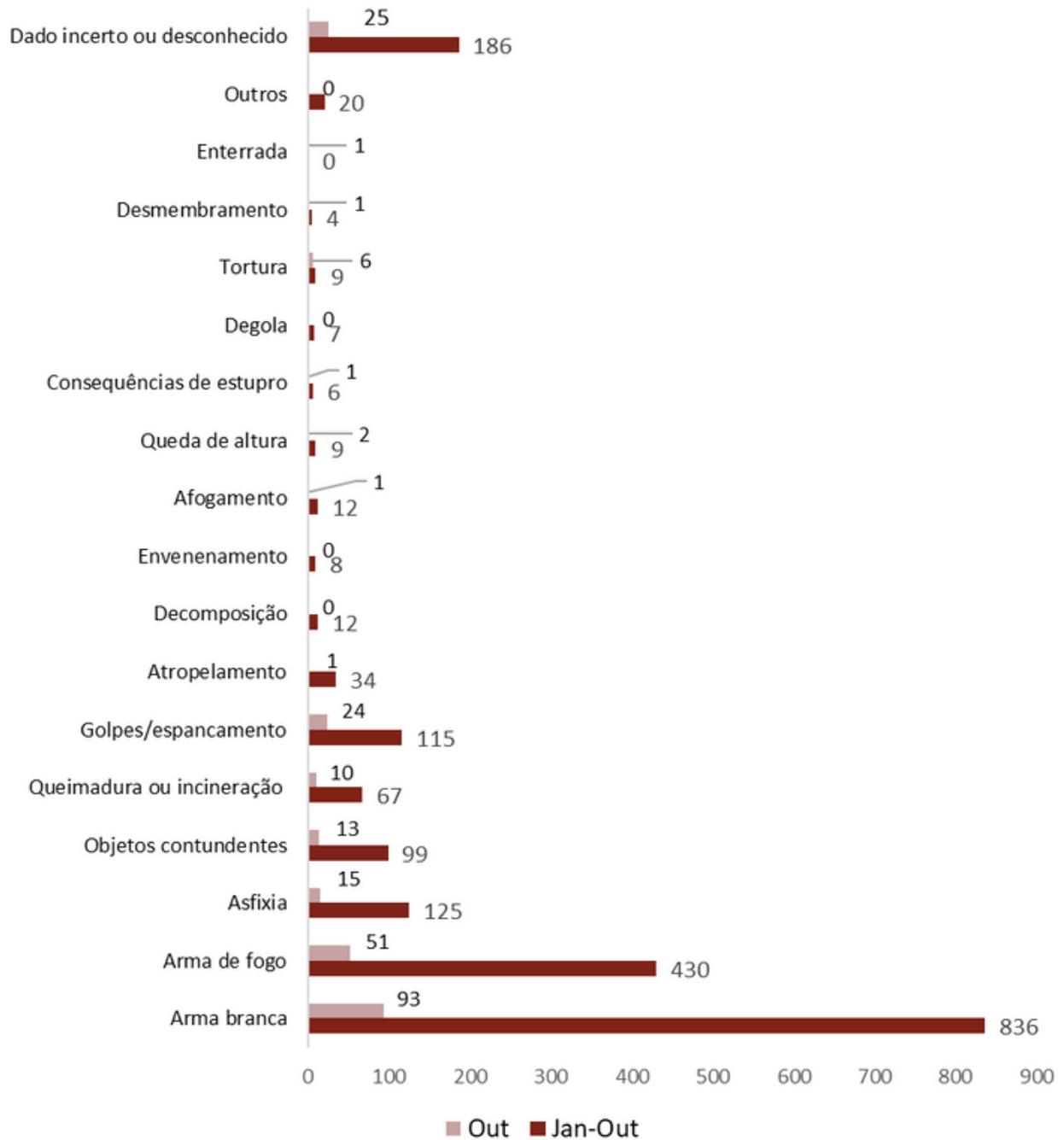


Arma branca segue sendo o instrumento mais utilizado

O **Gráfico 19** fornece uma análise detalhada dos instrumentos ou armas utilizados nos feminicídios no Brasil. **Armas brancas, como facas, facões e canivetes, emergem como os instrumentos mais comumente empregados, refletindo uma tendência preocupante.** Em segundo lugar, encontram-se as armas de fogo, seguidas pela asfixia.

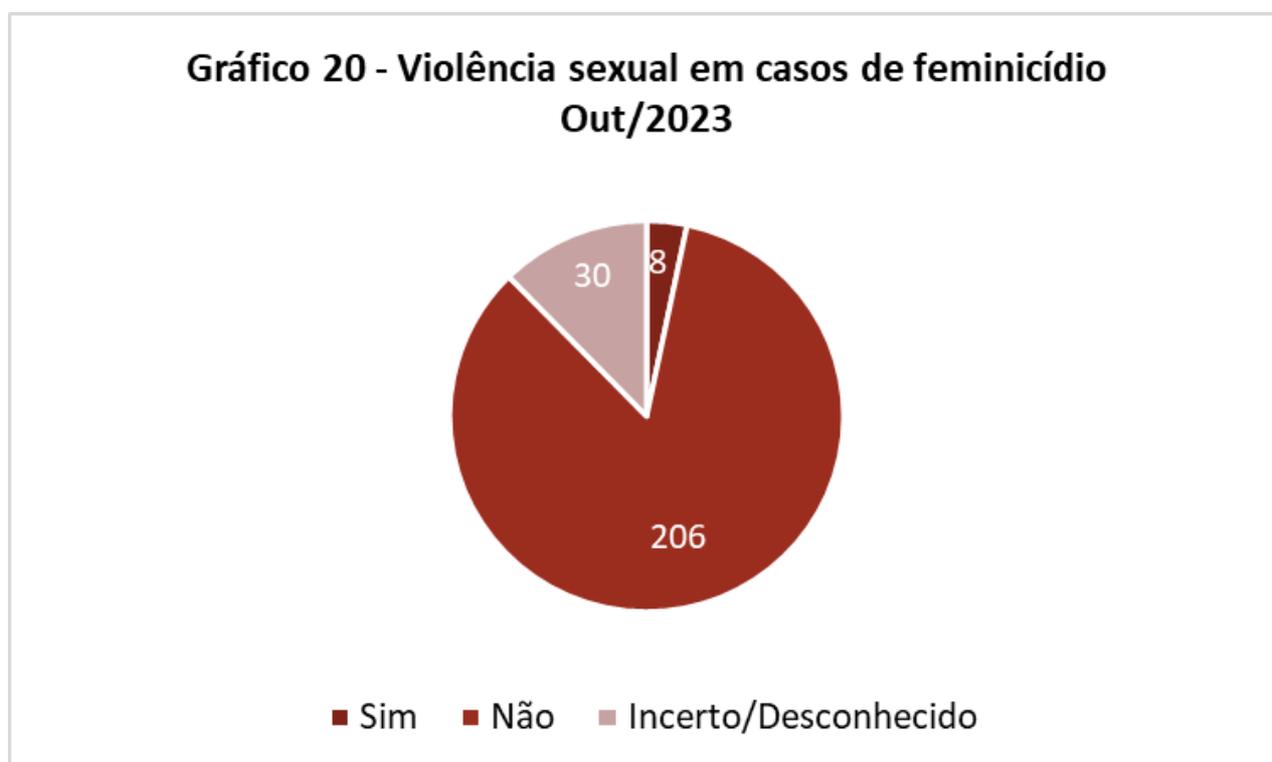
A diversidade dos instrumentos utilizados nos feminicídios destaca a complexidade e a variabilidade desses atos de violência. Este amplo espectro de métodos adotados pelos agressores aumenta substancialmente o desafio de enfrentar e prevenir o feminicídio. Reconhecer e entender essa variedade é crucial para desenvolver estratégias efetivas e abrangentes de prevenção, educação e resposta, direcionadas a proteger meninas e mulheres contra todas as formas de violência letal.

Gráfico 19 - Instrumento utilizado



A violência sexual

O **Gráfico 20** destaca a presença perturbadora da violência sexual em casos de feminicídio, enfatizando sua natureza como um emblema da violência de gênero. Neste gráfico, observa-se que, dos feminicídios ocorridos em outubro, 20 casos, ou 8,2%, apresentaram indícios de violência sexual. Esta estatística sublinha a brutalidade e a gravidade destes crimes.



Já o **Gráfico 21**, que abrange o acumulado do ano até outubro, indica que 91 casos, correspondentes a 4,6% do total, também mostraram indícios de violência sexual.



Estes dados não só reforçam a dimensão sexualizada da violência de gênero, mas também ressaltam a importância de considerar a violência sexual como um forte indicativo de feminicídio. Estas informações são cruciais para entender a complexidade e a severidade do feminicídio e para guiar as políticas públicas e estratégias de intervenção, visando a proteção efetiva das meninas e das mulheres contra todas as formas de violência.

O perigo dentro de casa

Contrariando o imaginário social predominante no Brasil, que muitas vezes sugere que as mulheres correm maior risco quando estão fora de casa, os dados sobre feminicídios revelam uma realidade diferente e mais sombria. **O feminicídio, um crime enraizado na desigualdade de poder e na dominação e menosprezo pelas mulheres, não se limita a ambientes públicos**; na verdade, ele ocorre frequentemente no lugar onde as mulheres deveriam se sentir mais seguras: em suas próprias casas.

Em outubro, 56,96% dos casos de feminicídio detectados ocorreram em residências, e, observando o período acumulado de janeiro a outubro, esse índice é de 55,63%. Estes números refletem a trágica realidade de que a violência contra a mulher é um fenômeno pervasivo que transcende os limites do espaço público, afetando as mulheres dentro da suposta segurança de seus lares. Essa constatação é crucial para desafiar percepções equivocadas e para direcionar esforços de prevenção e intervenção de maneira eficaz, reconhecendo a necessidade de proteger as mulheres em todos os ambientes, públicos e privados.

Feminicídios ocorridos em RESIDÊNCIA – Outubro

56,96%

Feminicídios ocorridos em RESIDÊNCIA –Jan-Out.

55,63%

Considerações Finais

Os dados produzidos pelo MFB demonstram a necessidade emergente de políticas públicas para o enfrentamento da violência contra meninas e mulheres. Os casos de feminicídios não são isolados, eles fazem parte de uma estrutura social pautada no patriarcalismo e misoginia, aonde a violência de gênero é constantemente reafirmada.

Perdemos 1.309 mulheres em 2023, sendo 148 apenas no mês de outubro. Ainda em outubro 96 mulheres tiveram suas vidas mudadas drasticamente por sobreviverem ao ataque feminicida.

O trabalho desenvolvido pelo MFB não busca apenas a geração de dados estatístico sobre feminicídio, mas traz uma preocupação de enxergar as mulheres vítimas de feminicídio e suas histórias. Não são e nunca serão apenas números, são vidas.

Em memória das vítimas, em defesa das vivas.

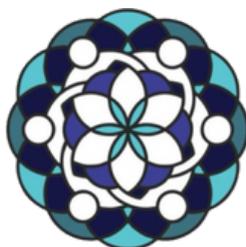
Mapa Latino-Americano de Femicídio

Por intermédio da associação franco-argentina MundoSur, focada na criação e desenvolvimento de projetos sobre inclusão e justiça social, surgiu o Mapa Latino-Americano de Femicídio (MLF).

O MLF busca realizar registros, tratamentos e divulgação de dados de mulheres vítimas da violência de gênero na América Latina, a partir da cooperação com diversos grupos da região, sendo representado no Brasil pelo Laboratório de Estudos de Femicídios (LESFEM). Para além desse, existem parceiros localizados na Argentina, Bolívia, Chile, Colômbia, Cuba, Equador, Honduras, Nicarágua, Panamá, Paraguai, Peru, Porto Rico, Uruguai e Venezuela.

Desde 2020, a proposta do MLF é trazer à tona e exigir o cumprimento dos direitos constitucionais e sociais da segurança das mulheres, trabalhando para que o femicídio possa ser erradicado.

Acesse detalhes dos femicídios CONSUMADOS no Brasil e América Latina consultando: [Femicidios bajo la lupa](https://mundosur.org) (mundosur.org).



mundosur

Contatos



E-mail: lesfem@uel.br



Instagram:

<https://www.instagram.com/lesfem.br/>



LinkedIn:

<https://www.linkedin.com/company/lesfem-laborat%C3%B3rio-de-estudos-de-femic%C3%ADdios/mycompany/>



Site: [LESFEM – Laboratório de Estudos de Femicídios \(uel.br\)](http://www.lesfem.uel.br)



LESFEM

LABORATÓRIO DE ESTUDOS DE FEMINICÍDIOS